

Sonia Guimarães:

“Sempre tinha alguém dizendo que eu não servia”

Em um artigo publicado em 2018 no jornal *O Globo*, em parceria com a ONU Mulheres, o Fundo Elas, a Fundação Carlos Chagas e o Instituto Unibanco, foi abordada a exclusão das mulheres das ciências exatas e das tecnologias. Segundo o texto, essa exclusão tem raízes na infância e no ambiente escolar, onde a socialização das meninas é fortemente orientada pelos papéis tradicionais de gênero. Isso perpetua a manutenção das mulheres em posições subalternas, enquanto os homens ocupam posições de poder e prestígio na sociedade.

A primeira mulher negra doutora em física no Brasil, Sonia Guimarães, não escapou dessa realidade. Em relatos de sua trajetória, ela revela que o ingresso das mulheres negras nas ciências exatas e o desenvolvimento de suas carreiras são obstáculos ainda mais desafiadores. Sonia compartilha que, durante o ensino médio e a graduação, foi constantemente desmotivada, ouvindo que não se tornaria uma física. “Sempre tinha alguém dizendo que eu não servia, que não era inteligente o suficiente. Mas parece que essas palavras não se fixaram em mim. Definitivamente, não grudaram”, afirma.

Além das dificuldades para entrar no meio acadêmico, como a escassez de bolsas de pós-graduação, Sonia destaca a falta de oportunidades no mercado de trabalho. “Eu nunca conheci um chefe do departamento de física negro, todos os chefes são homens brancos e, na hora da contratação, eles preferem contratar homens brancos. Mesmo com doutorado, você tenta trabalhar e não consegue. Isso é muito frustrante e desmotiva qualquer pessoa”, lamenta. Ela ainda faz um apelo: “Continuo insistindo para que as meninas não desistam.”

Formada com PhD pela Universidade de Manchester, no Reino Unido, Sonia ingressou no corpo docente do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) em 1993, em um momento em que a instituição sequer aceitava mulheres entre seus alunos. Ela foi não só a primeira mulher negra, mas também a primeira mulher no departamento de física do instituto, onde se destacou com suas pesquisas sobre semicondutores e sensores de calor.

Beto Monteiro/Secom UnB



Márcia Abrahão, 60, foi a primeira mulher a ocupar o cargo de reitora da Universidade de Brasília (UnB)

Ao longo dos anos, sua trajetória acadêmica e profissional se consolidou, levando-a a conquistar prêmios e homenagens. Em 2025, Sonia foi reconhecida pela revista *Forbes* como uma das mulheres mais poderosas do Brasil. Em 2023, foi eleita uma das 100 pessoas mais inovadoras da América Latina pela *Bloomberg Línea* e recebeu a Medalha Santos Dumont de Honra ao Mérito pelos seus 30 anos de contribuição no ITA.

Márcia Abrahão:

“Os homens acham que nós não sabemos o que estamos fazendo”

A expressão “teto de vidro” ou “glass ceiling”, usada pela primeira vez pela norte-americana Marilyn Loden na década de 1970, faz referência aos obstáculos que impedem que mulheres cheguem aos cargos de liderança onde trabalham independentemente das suas qualificações. Uma pesquisadora da Universidade de Brasília

(UnB) sistematizou os principais obstáculos enfrentados por mulheres para ocupar cargos da alta gestão na administração pública federal. O estudo entrevistou 70 mulheres que ocupam ou já ocuparam esses postos.

Segundo a pesquisa, os principais desafios enfrentados por mulheres no ambiente de trabalho pelo fato de ser são: discriminação por gênero (160 menções), assédio moral (120 menções) e a sobrecarga de trabalho doméstico (mais de 120 menções). Já em relação aos fatores que dificultam a ascensão a um cargo de chefia, as mulheres citaram a discriminação por gênero, dificuldades em conciliar o trabalho com a maternidade e a sobrecarga de trabalho doméstico.

Essa demora para uma mulher ser promovida a cargo de liderança é notada na história da Universidade de Brasília, tendo em vista que a primeira reitora da instituição, a professora e pesquisadora Márcia Abrahão, foi eleita em 2016. Ela ocupou o cargo durante dois mandatos, sendo

o último finalizado em 2024. Segundo a docente, ocupar o cargo máximo da universidade foi uma consequência natural. Ela também credits essa conquista ao trabalho desempenhado na universidade.

A relação de Márcia com a UnB é desde 1962, quando ingressou no curso de geologia. Durante esse período, a professora intercalou as atividades acadêmicas — fez mestrado e doutorado na UnB — com as administrativas. Ao longo de sua trajetória profissional e acadêmica, enfrentou frequentemente o machismo, até mesmo como reitora. “Como eu sou geóloga e fui a primeira diretora do Instituto de Geociências (IG) eleita, eu já estava acostumada com o mundo dominado por homens e para homens.”

A ex-reitora relata que a sociedade lida de várias maneiras com as mulheres que atravessam o chamado “teto de vidro”. Há quem branda com a conquista — e, segundo ela, isso abre portas —, mas também existe uma cobrança maior quando se comparado a homens que ocupam a mesma

posição. “Não é fácil ser mulher em cargos de poder. Os homens acham que nós não sabemos o que estamos fazendo. O tempo inteiro você é observada, avaliada, e se nós formos mais assertivas, somos chamadas de muito grosseiras. Já os homens, se eles são mais assertivos, são vistos como firmes”, pontua.

Sobre a importância da presença feminina em cargos de liderança, ela ressalta o exemplo que fica para outras meninas “mostrando para as mulheres onde elas podem chegar”. Ela também chama atenção para o fato de que essa presença não “necessariamente significa que a mulher vai fazer uma gestão que honre as mulheres”. Entre as diversas ações voltadas à equidade intuitas em sua gestão, Márcia destaca a criação de uma creche e da sala de amamentação na universidade e a ampliação do tempo de pós-graduação. “Eu me orgulho bastante de todo esse legado e espero que tenha continuidade.”

» **Leia mais na página 4**